

ELEIÇÕES

UM PROJECTO DEMOCRATICO PARA UNIR A ACADEMIA

As eleições para a D.G. da A.A.C. assumem grande importância, quer no quadro geral do M.A., quer no âmbito particular da Academia, no que respeita ao seu trabalho reivindicativo, social, pedagógico, cultural e desportivo. Naturalmente que as diversas correntes de opinião e forças políticas ligadas ao movimento estudantil têm projectos diversos para o trabalho da D.G. e formas diferentes de actuação no M.A. e na Academia que radicam nos seus princípios e nos seus objectos.

Seria primário e infantil tentar pescamotear a questão dizendo que o M.A. está totalmente desligado de pressupostos políticos. Quem tal afirmar ou é inocente ou pretende esconder desígnios obscuros que, no fundo, traduzem princípios enterrados em Abril e que pretendendo cultivar a passividade se traduziam na frase tristemente conhecida "a política é para os políticos". O verdadeiro cerne da questão situa-se inequivocamente ao nível dos projectos e das acções, nos conteúdos e nas formas de actuação das forças políticas e das correntes de opinião.

É neste contexto que deve ser analisada a actuação da D.G. cessante e os pressupostos da (ou das) lista (s) que com ela se identificam. A incapacidade de trabalho e conteúdo estático, obsoleto e primário das suas iniciativas "culturais", o desprezo pelos problemas das escolas (pedagógicos e outros), os conflitos com os funcionários (os castigos, as formas pidescas de actuação), o corte de verbas a algumas secções em detrimento de outras, enfim o boicote generalizado ao M.A. e à Academia. Talvez menos susceptível de mobilizar as atenções mas não menos grave, é a mentira pura e simples materializada na demagogia das palavras da D.G. quando reivindica para si os "louros" de melhoramentos que nada têm a ver com ela, quer porque ultrapassam o seu âmbito quer porque foram fruto da actuação da Comissão de Bolsseiros e/ou de anteriores D.G.'s.

Este foi o resultado de um ano de um projecto que, porque velho, não serve; de um projecto que nada tem a ver com os estudantes, que nada tem a ver com o Portugal de Abril e cujo único objectivo é o boicote: o boicote do M.A., o boicote das actividades culturais e desportivas da A.C., o boicote das lutas reivindicativas. O seu único resultado é o boicote de tudo aquilo que de positivo exista quando e onde ele toque.

Este é o projecto da direita (vejam-se as medidas tomadas após um mês de governo: aumento do custo de vida em geral, e ameaça ^{de aumento} do custo do material escolar. O domínio da cultura, a decisão de encerrar o Teatro de S. Luís, por exemplo, e ainda mais grave, o boicote às comemorações do 4º Centenário da morte de Camões).

O projecto da direita mostrou a sua verdadeira face. E seja qual for a lista, sejam quais forem os elementos apontados para veicular esse projecto, os resultados serão sempre os mesmos porque a incapacidade não é só, nem essencialmente, das pessoas mas do projecto que assumem.

Desde sempre falámos da necessidade de redimensionar os potenciais focos de unidade dos estudantes e de ultrapassar os que eram susceptíveis de discórdia. Imunha-se uma análise daquilo que era essencial e por isso prioritário e do que era secundário, certos de que, no essencial se encontram os focos de unidade. Precedendo aos nossos princípios e à análise efectuada, a J.C.P. considerou as condições de ampla unidade que se materializasse numa lista que fosse a confluência dos diversos sectores democráticos, uma lista unitária que se apresentasse com grande legitimidade associativa, em cuja composição entrassem representantes de secções culturais e desportivas, organismos autónomos, Comissão de Bolsseiros e Comissões de Curso, membros de Conselhos Directivos e Pedagógicos, uma lista que também pelo seu projecto fosse a alternativa inequívoca às tentativas de partidarização do M.A., ao projecto caduco da direita.

Foi nesta base que a J.C.P. decidiu contactar todos os sectores democráticos e progressistas da Academia, propondo o iniciar de um processo que se baseasse e fosse dinamizado por todos os elementos de todas as estruturas associativas que nele quizessem participar, independentemente das suas convicções políticas ou identificações partidárias.

Esse processo, que teria como objectivo principal devolver a A.A.C. aos estudantes, conseguiu mobilizar de facto, amplos e diversos sectores de opinião que, pelo menos formalmente se mostravam dispostos à unidade. O fracçãoismo revela - dor dos preconceitos de um determinado sector que confluuiu para a formação da actual lista C, determinou em parte a impossibilidade de constituir uma lista única e unitária. Este sector que se autodenomina de esquerdista, e que de modo algum representa a maioria dos estudantes que, sendo independentes, perfilham porém, opiniões diversas, revelou-se arrogante, indo até à chantagem, revelando claramente como objectivo o "apelo ao não voto" (sic) na 2ª volta mesmo tendo em conta o facto de estar em jogo a aprovação de um projecto reaccionário ou de um projecto progressista.

Perante esta nova situação criada, considerou a J.C.P. ser justo continuar o esforço para a formação de uma lista que correspondesse aos anseios que dinamizaram todo este movimento e aos critérios de legitimidade associativa, enquadrando os sectores de opinião mais importantes da Academia.

É neste contexto que se forma a lista D. Esta tem a participação de elementos da J.S. e da J.C.P. e, bem assim, de Elementos Independentes, que se distribuem por diversos sectores de opinião. Todos eles fazem parte de estruturas de representação estudantil. Assim, a lista é constituída por elementos de Comissões de Curso, Conselhos Directivos e Pedagógicos, Secções Culturais e Desportivas, Organismos Autónomos e Comissão de Bolseiros, estando assim satisfeito o pressuposto que dá a esta lista uma incontestável legitimidade associativa.

Pela sua composição, a lista D aparece como uma lista de ampla unidade, na qual se enquadram os sectores de opinião democrática mais representativos da Academia.

Pelo seu projecto, a lista D afirma-se como a mais capaz para reavivar o A.A., para dinamizar em conjunto com as secções e organismos o trabalho cultural e desportivo da A.A.C., para reperpetuar o trabalho no sector de apoio social, para apoiar as Comissões de Curso e veicular as reivindicações estudantis no domínio pedagógico, no sector das escolas.

Pelo seu projecto, pela garantia de capacidade de trabalho demonstrada através dos elementos que a compõem, pela unidade de que se faz eco, a lista D é a alternativa de todos os estudantes democratas e progressistas ao projecto de direita.

A J.C.P. revela o seu total apoio a esta lista, ciente de que ela corresponde de no essencial, aos anseios que deram vida ao que foi o movimento "Devolver a A.A.C. aos estudantes", aos anseios de todos os estudantes que pretendem ver a Academia nas suas próprias mãos. Por isso, a J.C.P. apela ao voto na lista D para que todos nós possamos unir a Academia e defender a Democracia.



O Executivo da D.O.E.S.C.
da J. C. P.

Coimbra, 25 de Fevereiro de 1980.